

Amy Winehouse,

um requiem tardio



São ilustres as conexões musicais do meu aniversário, 23 de Julho, data que celebra o nascimento da grande Amália... e o infausto passamento de Amy Winehouse.

Parecerá redundante um tão tardio tributo à problemática cantora inglesa, objecto de incontáveis exegeses após o seu óbito e cuja discografia, desde então, conheceu uma póstuma vitalidade (passe a negra ironia).

Se a ela volta *Discopatia*, é porque esta se

pode ufanar de haver sido a campeã da sua divulgação em Portugal, nos idos de Maio de 2004, altura em que (*Audio* n.º 167) deu entusiástica notícia da sua descoberta.

Não alinhando no coro necrófilo que canta infrutíferas hossanas ao legado de Amy, nem se comprazendo com o voyeurismo exploratório da tendência debochada e decadente dos últimos tempos da cantora, *Discopatia* cingiu-se à música e recuperou com indizível prazer a sua parca obra.

Ainda que, por honestidade, admita que nunca deixara de lançar o olho às colunas de escândalos onde se plasmavam as últimas diatribes da desgraçada cantora de Camden.

Antes dos escândalos, porém, havia a música. Lembram-se?

Frank (Universal 2003)

À data da publicação de *Frank*, a imprensa mais optimista (ou sensacionalista) sugeria

por então um renascimento do *jazz*, sustentando essa convicção no sucesso de nomes como Diana Krall ou Norah Jones e uma bem nutrida lista de (supostos) epígonos, como Jane Monheit, Katie Melua, Jamie Cullum, Peter Dinklage ou Amy Winehouse, todos com bem menos que trinta anos e já aclamados pelas primeiras gravações e/ou performances.

Se a sua música era ou não *jazz* é uma dúvida estéril e recorrente e que tem como parte interessada os media e as lojas de discos, por questão de arrumação temática (os álbuns de Norah Jones, por exemplo, encontravam-se na FNAC, para além da estante dos *tops*, na secção de *jazz*). A melhor música dos melhores destes autores decerto recusará tamanha camisa-de-forças, aspirando a um reconhecimento menos subordinado aos géneros.

É seguramente o caso de Amy Winehouse, uma natural de Camden, Londres, com apenas 19 anos à gravação deste álbum de estreia e uma voz impressionante de contralto (o que correrá nas torneiras do Reino Unido misturado com a água, que transveste o piar de adolescentes em vozeirões de divas de 50 anos?) a motivar comparações com Erykah Badu e Lauren Hill.

A formação musical de Amy passou, sem dúvida, pelo *jazz* e pela escuta dos seus monstros sagrados – Ella Fitzgerald, Dinah Washington, Sarah Vaughan. Mas não se deteve aí, antes sofrendo a contaminação da música popular urbana sua contemporânea – *hip-hop*, sobretudo – tão abundante em Camden – «Fico emocionada quando, a meu respeito, mencionam a Minnie Riperton, e furiosa quando me comparam à Macy Gray.» Amy Winehouse é o *link* autorizado entre essas duas estéticas temporais e a sua escrita (Amy é autora da maioria dos temas do álbum, tocando também guitarra) um compromisso feliz entre o *jazz* tradicional com perfume anos 40 e a dureza das letras inspiradas na realidade quotidiana e propulsionada por discretos *beats* de *hip-hop* (e *bossa*, *swing*, até passagens de *rocksteady*)

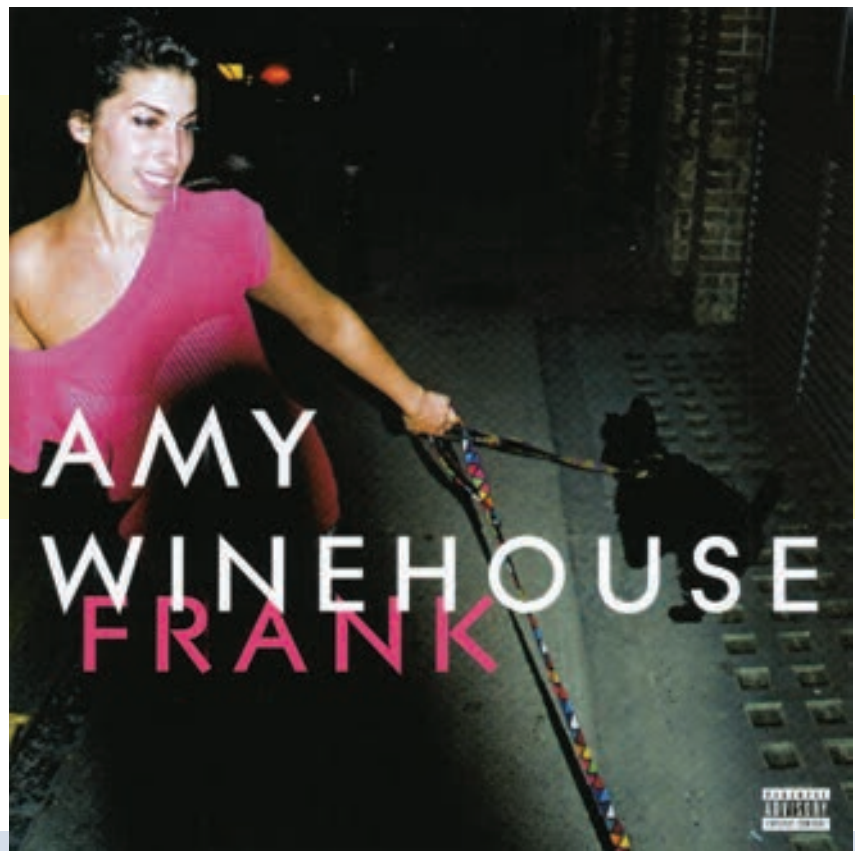
Não é apenas a voz de Amy a denunciar com dificuldade a sua juventude. As suas letras, escritas do ponto de vista de uma mulher mais madura e baseadas num perverso sentido de observação, são bem mais ácidas do que se esperaria da pena de alguém com menos de 20 anos, histórias amargas sobre casos terminados, abuso feminino, as difíceis relações com o género oposto (bem chamuscado em temas como *What Is It*

about Men e Help Yourself) ou as mulheres-objecto (*Fuck Me Pumps*). Para saboroso tempero, pitadas de inusitado humor e um q.b. de lubricidade.

Frank é uma notável colecção de temas nocturnos precariamente equilibrados entre a atmosfera aveludada do *jazz* tradicional (magníficos instrumentistas), o *chill-out*

ligado a um consumo de drogas duras para cujo vórtice Amy será rapidamente arrastada – que pela garrafa.

Se foi inexorável a espiral da decadência – vejam-se os vídeos de temas como *You Know I'm No Good* ou *Back to Black*, a indiciar um flirt com o desastre (o corpo coberto de tatuagens, a encenação do pró-



vocal e *grooves* de *hip-hop*, servidos por uma extraordinária voz capaz de viajar com à-vontade pela gama do espectro sonoro. Alguma pontual estridência não é nada que uma dieta de Jack Daniels e Marlboro não resolvesse! Apenas não se antecipava tamanha imoderação no respectivo consumo. Atenção à faixa-bónus, uma excelente rendição de Mr. Magic, o contagiante instrumental de Grover Washington Jr.

O árduo caminho da fama

Frank não provocou grande turbulência nas *charts*, logrando ainda assim uma nomeação para o Mercury Prize e uma atenção crescente da inteligentzia.

Entretanto Amy, nas suas próprias palavras, despediu o *manager*, apaixonou-se e começou a beber! Com não menor paixão pelo namorado – o problemático Blake Fielder-Civil, com um passado (e futuro)

prio funeral) – tempo houve para a cantora ascender ao Olimpo do reconhecimento através do segundo álbum.

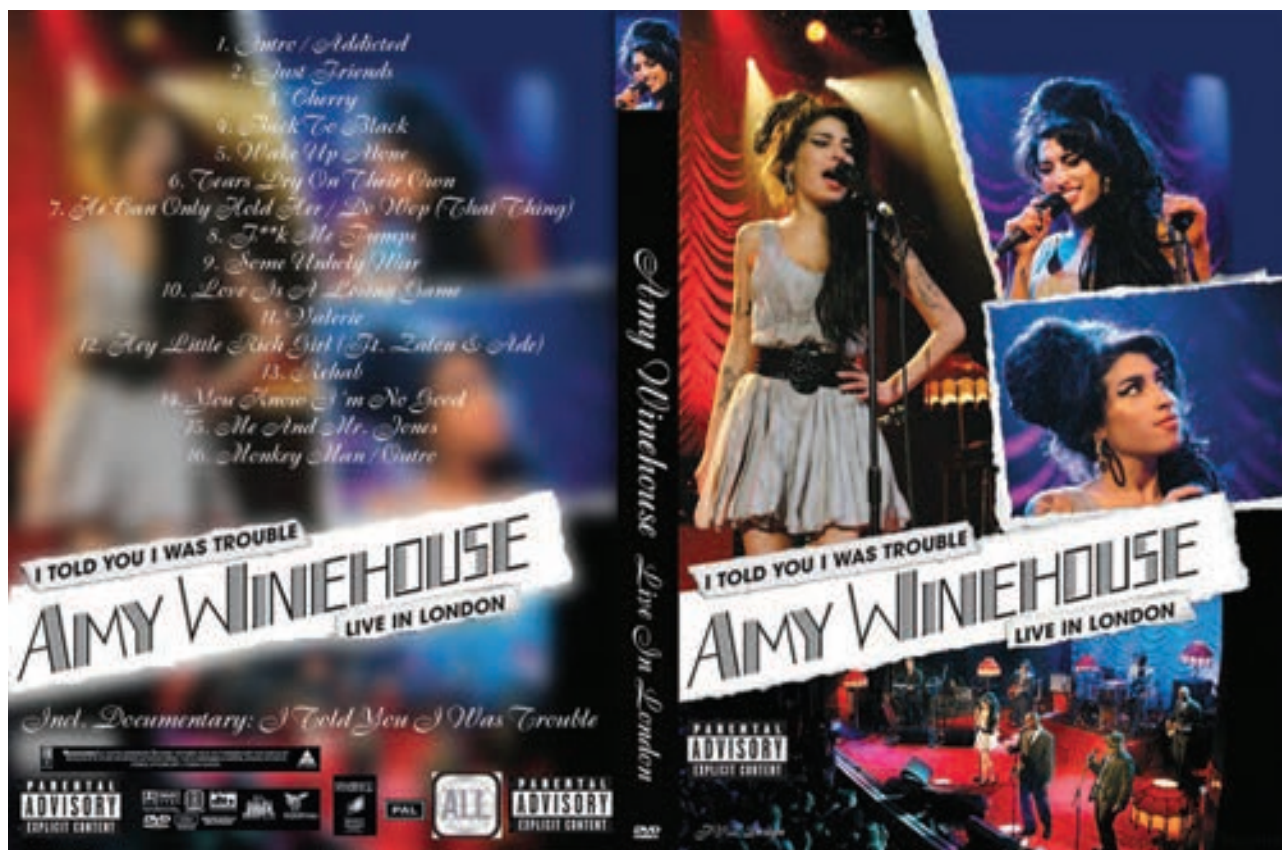
Para *Back to Black* foi recrutado o produtor da moda, Mark Ronson (DJ e ligado ao *hip-hop*), e recuperado Salaam Remi, produtor de Frank e algo responsável pelo perfume *jazzy* do disco, bem como convocados os Dap Kings, novos-tradicionistas da *soul*.

Back to Black (Island 2006)

Mark Ronson confessa ter tido em carteira alguns *beats* como *guidelines* para *Back to Black*, quando Amy desembarcou em Nova Iorque com uma pilha de álbuns de *girls groups* dos anos 60 e produções de Phil Spector.

A voz a Ronson: «Se um produtor é habitualmente um guia sonoro, no caso de Amy foi ela a educar-me, apresentando-me à música fascinante dos 60's e insistindo

DISCOPATIA Amy Winehouse



numa orientação *soul* que traduzisse a sua educação nessa área. À maneira dessa década, foi usado, por exemplo, o mínimo de microfones na bateria e apenas um microfone para os três metais, permitindo uma respiração da música à maneira dos velhos discos de Aretha Franklin.»

Um perfume de *soul vintage* inebria um álbum prenhe de referências e arquétipos do género e onde monstros sagrados como Ray Charles, Donny Hathaway, Sammy Davis, Jr. (*my best black jew*) e Billy Paul são cações culturais invocadas implícita ou expressamente.

Back to Black triunfa enquanto não mero *pastiche retro* ou soma dessas influências, mas quando as incorpora numa sonoridade contemporânea onde voga em surdina o espectro do *hip-hop*. Curioso é, aliás, o aparente contraste entre a evocação da polidez da *soul 60's* e o desbragamento das letras autobiográficas e recheadas de calão, enfeitando a reverência às letras bem comportadas da *soul* de antanho.

Um dos apelos voyeurísticos do álbum reside, aliás, nesse pendor biográfico, traduzido em abundantes menções à erva (*weed does more than any dick did*) e ao álcool (Stella, Tanqueray), indiciadores de um peso crescente na economia diária da

cantora e de uma decadência próxima e galopante. Até as metáforas são líquidas – *pour myself over him, moon spilling in... drunk on pride*.

O resto dos motivos líricos não são menos problemáticos: relações falhadas (o pungente clássico moderno que é o temático *Back to Black*, uma notável *torch-song* biográfica – *you go back to her and I go back to black*), problemas com o sexo oposto, a atitude desafiadora, a *unfittingness* (*I told you I was trouble, you know that I'm no good*) e a atracção pelo abismo.

Back to Black compõe-se de pequenas e boas canções pop, servidas por grandes arranjos e magnífica instrumentação. Passagens *jazzy* e um *swing neo-Motown* alternam com baladas *soul*, um vago aroma a *ska* e a um *funk* lânguido perfumando as cordas hollywoodescas e os despudorados coros devedores de grupos vocais femininos dos anos 60, como as Shangri-Las, a que Amy reconhece ter ido colher inspiração.

A decadência

Por esta altura já Amy cruzava o seu *pathos*, força da natureza nos antípodas das contemporâneas e plácidas Norah Jones e Katie Melua, desavergonhada e desbocada, no álbum focada com alguma disciplina

como cantora *soul*. A melhor de Inglaterra, por esses dias. Alcoólica, drogada, anorética, temperamental, lunática – com todos estes (razoáveis) epítetos foi crismada uma Amy Winehouse a qual respondia com uma desdenhosa e *cool* atitude adolescente – *I don't give a shit* tratando tais epítetos como *fait-divers* e incorporando-os na sua arte.

A retumbante consagração (vendas milionárias, um *recorde* de cinco Grammys) apenas acelerou a degradação e a fatal atracção pelo abismo. As expectativas das suas actuações não mais se prendiam com o alinhamento artístico do *set*, mas quanto ao grau de degradação a exhibir por Amy. As agências do ramo já aceitavam apostas sobre o tempo que a cantora se aguentaria em palco (Rock in Rio, Lisboa 2008) ou se chegaria mesmo a comparecer (o que não sucedeu a 4 de Agosto deste ano, na Zambujeira). Gasta fisicamente, de voz abusada e fenecida e a contas com um enfisema prematuro, o espectáculo do definhamento físico e moral de Amy foi penoso, para gáudio dos magazines de escândalos. Apenas a morte lhe concederia a imortalidade... No princípio, porém, havia a música.

E-Mail: honorato_pim@netcabo.pt